

## Representação e aquisição do género linguístico em PE

Baptista, A.; Choupina, C.; Costa, J.A.; Querido, J.; Oliveira, I.

Atualmente, em PE, os lexemas *género* e *sexo* desencadeiam algumas situações de indefinição relativamente ao âmbito dos seus campos semânticos, às suas fronteiras sémicas e às zonas de interseção. Usados em múltiplos contextos, são necessários para identificar realidades físicas e psicológicas complexas, sobretudo no cerne da atual discussão sociopolítica sobre *Questões de Género* e, como frequentemente acontece quando está em curso um processo de proliferação polissémica com lexemas oriundos de outras línguas, as suas traduções numa dada língua, adotadas por diferentes falantes com níveis de informação distintos, nem sempre se lexicalizam de forma pacífica ou contribuem para clarificar o referente. O uso do nome *género* simultaneamente na linguagem comum para nomear um conceito sociopsicológico e, ao mesmo tempo, na metalinguagem da linguística para identificar uma categoria morfossintática contribuiu significativamente para confundir os campos semânticos, dado que a distinção entre género linguístico - traduzido gramaticalmente - e género natural - correlacionado com o sexo - nem sempre se afigura clara nas práticas pedagógicas, quer entre os alunos de vários níveis de ensino, quer mesmo entre os professores.

Partindo de investigações interdisciplinares (morfossintáticas, léxico-semânticas, sociolinguísticas, morfofonológicas e discursivas) sobre os processos de marcação de género linguístico, quisemos compreender, através da realização de inquéritos e entrevistas a vários agentes do contexto pedagógico (crianças em idade pré-escolar, à saída do 1º ciclo do Ensino Básico, jovens alunos à entrada e à saída do Ensino Superior, educadores e professores), quais as representações que possuíam sobre o que é o género gramatical e em que medida estas se relacionam, ou não, com o género natural. Por outro lado, procurámos demonstrar como a investigação pode contribuir para clarificar estas questões e, assim, tornar cientificamente mais informadas as práticas educativas, ocorram estas ou não em contexto formal.

Enquanto docentes envolvidos na formação de professores, preocupados com as consequências negativas desta confusa distinção na aquisição da noção de género e na aprendizagem dos processos de marcação de género linguístico, desenvolvemos uma investigação em que privilegiamos três abordagens: histórica, morfossintática e sociolinguística. Discutiremos como a própria génese do género linguístico em português (Huber, 1933, 2006), a partir do sistema tripartido do latim, permite reequacionar as relações entre esta categoria gramatical e o sexo. Aliás, a disparidade no modo como cada língua românica adapta as palavras neutras do latim, e mesmo algumas masculinas ou femininas, ilustra a arbitrariedade e a ausência de uma correlação entre género e sexo.

Incluiremos, ainda, nesta comunicação, os contributos da Linguística Descritiva na sistematização dos processos disponíveis para a marcação e, por vezes, contrastação de género, debatendo duas questões nucleares: (i) a não correlação das noções de género e sexo; (ii) a diversidade de processos para expressar o género, não sendo, em caso algum, por flexão nominal (Villalva, 2000 e Costa e Choupina, 2011). Embora nem todos os nomes admitam contraste de género, em Português, todos têm género (o denominado género sintático (Câmara, 1985) ou género implícito (Botelho, 2004), sendo uma categoria manifestada por uma oposição privativa (*masculino*, *feminino*), em que o masculino é o termo não-marcado (apenas há vestígios do neutro, existente no Latim, nos pronomes).

Procuraremos, ainda, sistematizar os fatores sociolinguísticos (Nieto, 1999) que subjazem às representações acima referidas, assim como as suas implicações na aprendizagem e no ensino explícito desta categoria gramatical.

Pretendemos, conseqüentemente, reinvestir esta informação na apresentação de uma proposta/propostas didáticas que permitam levar o aluno a compreender a especificidade do género enquanto categoria linguística e a clarificar em que aspeto este se aproxima e, sobretudo, se afasta do género natural.

**PALAVRAS-CHAVE:** género gramatical; processos de marcação do género; ensino-aprendizagem de Língua materna (L1); didática da Língua.

Referências bibliográficas:

- Biondo, F. P. e Calsa, G. C. 2003 A influência dos conhecimentos prévios na conceituação de género gramatical. I Encontro Paranaense de Psicopedagogia, ABPppr – nov. 2003, pp 147-157
- Botelho, J. M. 2004. O género imanente do substantivo no português. Rio de Janeiro: Botelho.
- Câmara JR., J. M. 1970. Estrutura da Língua Portuguesa. Petrópolis: Vozes.
- Câmara JR., J. M. 1985. Dicionário de lingüística e gramática. 12ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Choupina, C.M. 2011. Reflexões sobre o género em Português Europeu e em Tétum. In revista electrónica elingUP, nº 1, v. 3. <http://cl.up.pt/elingup/>
- Costa, J. A. e Choupina, C.M. 2011. A história e as histórias do género nos nomes em português. Percursos diacrónicos, sincrónicos e pedagógicos. II Encontro Internacional do Ensino do Português, Coimbra | Fevereiro/2011. Material da comunicação oral.
- Corbett, G. 1991. Gender. Cambridge: Cambridge University Press.
- García Messeguer, A. 1994 Es sexista la lengua española? Una investigación sobre el género gramatical. Barcelona: Paidós
- Lamas, M. 1995. La perspectiva de género. In revista de Educación Y Cultura, n´8, pp.14-20. Guadalajara. México
- Nieto, A.M. P. 1999. Ele: género gramatical e sexismo linguístico. ASELE. Actas X. Centro Virtual Cervantes
- Villalva, A. 2000. Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português. Lisboa: FCG/FCT.